

As pessoas têm que mergulhar no processo comunicativo", defende Ismar

Eduardo Piagge / USP Online

As recentes iniciativas do Governo Federal de criar órgãos para tentar controlar os possíveis "excessos" na produção midiática brasileira causaram polêmica. A discussão sobre a Ancinav e o Conselho Federal de Jornalismo ocupou a imprensa durante longo período, mas pouco foi falado sobre a função da escola na formação de um cidadão mais crítico aos meios.

O **USP Online** entrevistou Ismar de Oliveira Soares, professor da Escola de Comunicações e Artes da USP (ECA) para falar sobre o tema. Para o coordenador do projeto Educom.radio, que possibilita a alunos de escolas públicas municipais criarem os seus próprios projetos de comunicação, o único meio de criar uma consciência crítica é inserindo o aluno na produção midiática. "O nosso objetivo é que, por meio disso, o aluno use os meios em favor da sua comunidade", afirmou Soares, "diminuindo a violência e aumentando a tolerância às diferenças", completou.

Para ele uma perspectiva moralista, que mostre ao aluno o que é certo e errado não funciona. "As pessoas tem que mergulhar no processo comunicativo", defendeu.

O projeto Educom.rádio (www.educomradio.com.br) é uma parceria do Núcleo de Comunicação e Educação da ECA (NCE) com a Secretaria Municipal de Educação. Desde 2001, o projeto leva às escolas municipais de São Paulo todos os aparatos necessários para que os alunos produzam os seus programas de rádio, ensinando na prática como funcionam os meios de comunicação tão presentes em suas vidas.

USP Online - Como a escola vê a importância da mídia na formação dos estudantes?

Ismar de Oliveira Soares - A educação em geral olha a televisão, o jornal, a rádio muito mais como informação e entretenimento. O próprio jornal televisivo é entretenimento antes de ser informação. E a escola olha para essa produção com um certo preconceito de dizer que não é coisa séria, é divertimento. Se é divertimento, não é um assunto a ser tomado com seriedade pela escola. Então a escola não pauta, não esta no cotidiano discutir essas questões. Claro que professores de história, de geografia ou de disciplinas mais humanas, vez por outra fazem alusão ao comportamento da mídia. Mas isso não é sistemático. O aluno vê a escola como uma ordenadora de conhecimento. Então, o que a escola diz que é importante passa a ser importante. Se a escola desconhece como algo que deva ser analisado, ele nunca analisará.

Quais são os modos de introduzir a mídia efetivamente na escola?

Soares - Em geral quando os professores se aproximam da tv, eles se aproximam trazendo um critério de análise, em geral de caráter político ou moral. E o que acontece é que, ao professor dar inicialmente os critérios de análise, os alunos os rejeitam. Isso ocorre porque há uma certa fidelidade do consumidor com a mídia e apesar de se dizer que existem poderes econômicos e políticos por trás ou que a programação não é adequada, isso não impede que as crianças e adolescentes continuem assistindo seus programas favoritos. É a chamada vertente moralista. Ela é inadequada porque não permite que a criança crie os seus próprios critérios de leitura.

Existe uma segunda perspectiva que nos chamamos de vertente culturalista. É aquela que diz o seguinte: o rádio, o jornal e a tv são produtos da cultura. E por isso eles devem ser passíveis de ser analisados. Não é feita, no entanto, uma análise da minha relação com o jornal, e sim daquele objeto que está fora das minhas relações. Então eu vou conhecer como se faz um jornal, porém isso não quer dizer que eu seja crítico em relação aos meios de comunicação.

Como se cria, então, essa relação? Como fazer que o aluno crie os seus próprios critérios de leitura?

Soares - Existe uma terceira vertente, que veio do chamado movimento popular nos anos 70 e 80, que é a chamada vertente dialética. Ela faz uma pergunta: se a família Roberto marinho dispõe de meios de comunicação porque não eu e o meu grupo. Essa pergunta leva o estudante a dizer: como eu falaria a população, como é que eu posso me comunicar? E isso poderia motivar os alunos a produzir comunicação.

Qual seria o papel da escola nesse processo?

Soares - Quando eles começam a escola favoreceria propiciando que eles façam jornais murais, ou façam circular um boletim, ou produzam rádio ou televisão. Eles, então, são convidados a fazer uma auto-análise. Nessa auto-análise, acabam fazendo algumas perguntas que muitos fazem para mídia: quem está por trás desse projeto, eu fui verdadeiro como meu trabalho? Eu manipulei alguma informação? o que eu falou tinha algum interesse escuso?

Quais são os efeitos dessa auto-análise?

Soares - O adolescente começa a adquirir critérios que permitirão que ele continue trabalhando com a comunicação. Além disso, ele começa a adotar esses critérios na análise do grande meio. O que o levaria em determinado momento a se preocupar com aquilo que se chama de políticas nacionais de telecomunicação. Vai começar a se preocupar sobre os conteúdos dos programas. Esse adolescente poderia se aproximar dos grandes canais de televisão e começar a perceber o que de interessante existe lá que ele poderia copiar e utilizar em seus trabalhos. Ele poderá até criar seus projetos de comunicação.

O senhor considera esta vertente a mais adequada?

Soares - Sim, quando falamos isso é porque ela transfere para os alunos a criação de critérios de análise e a responsabilidade de criar comunicação. Só que essa vertente dialética só é possível quando é propiciada a esses estudantes a essa possibilidade de produzir.

Por que o Educom.Rádio escolheu o radiojornalismo como veículo para os estudantes produzirem?

Soares - A idéia de trabalhar com rádio foi proposta pela Secretaria Municipal de Educação [principal parceira do projeto] que tinha como objetivo reduzir a violência nas escolas. O rádio favorece isso porque respeita a cultura desse aluno já que o rádio comporta, por exemplo, a gíria. Ele não tem que entrar num padrão. Ele faz o rádio usando a sua linguagem. A hipótese é que o adolescente quando tem um instrumento de comunicação na mão tem a auto estima valorizada.

Qual a reação dos estudantes a esse contato?

Soares - É impressionante observar, por exemplo, que meninos da Febem, que chegam para detonar o projeto, a partir do terceiro ou quarto encontro já são líderes. Eles pegam o microfone do rádio para por ordem e não fazer bagunça. Isso significa discutir as questões de interesse deles e da comunidade.

Como funcionam os cursos do Educom.Rádio?

Soares - O curso dura um semestre. Durante esse tempo os alunos fazem exercícios, criticam seus exercícios, observam como os meios de comunicação trabalham, fazem críticas aos meios de comunicação, e, finalmente, criam o seu projeto de comunicação. Por isso nós falamos que essa postura

crítica em relação aos meios não é simplesmente olhar para eles e ver os seus defeitos. Primeiramente cria-se um projeto de comunicação seu e a partir daí se luta pelo espaço. Nesse estágio, o aluno já tem critérios do que é adequado ou não, que vão permitir que ele julgue a mídia e se aproveite das coisas boas produzidas.